



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA INGLESA

JAILSON OLIVEIRA RIBEIRO

A POESIA DE EMILY DICKINSON E A INFINITUDE HUMANA

JOAO PESSOA

2017

Título: A POESIA DE EMILY DICKINSON E A INFINITUDE HUMANA

JAILSON OLIVEIRA RIBEIRO

Trabalho apresentado ao
Departamento de Letras
Estrangeiras Modernas – Inglês,
da Universidade Federal da
Paraíba, como Trabalho de
Conclusão de Curso
Orientadora:
Profa. Dra Liane Schneider

Joao Pessoa

2017

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal da Paraíba.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Ribeiro, Jailson Oliveira .

A poesia de Emily Dickinson e a infinitude humana. / Jailson Oliveira Ribeiro. - João Pessoa, 2017. 33 f.

Monografia (Graduação em Letras, língua inglesa) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Orientadora: Prof^a. Dra. Liane Schneider.

1. Poesia estadunidense. 2. Finitude / infinitude. 3. Século XIX. I. Dickinson, Emily. II. Título.

BSE-CCHLA

CDU 82-1

Dedico este trabalho de pesquisa e a finalização de meu curso, a minha mãe, que sempre desejou ter um filho formado por esta instituição de ensino superior, a UFPB, bem como a todos aqueles que me deram força para prosseguir em busca desse sonho.

Agradeço a Deus, que me deu esta oportunidade de estar vivo e poder concluir este curso, um antigo sonho que se realiza agora;

À amiga e profa. Dra. Liane Schneider, que me orientou maravilhosamente bem;

À profa. Dra. Glória Gama, que, talvez sem saber, me direcionou para essa pesquisa, já que discutiu o poema de Emily Dickinson “Because I could not stopped for Death” em sala de aula, o que me fez decidir sobre o tema para o Trabalho de Conclusão de Curso.

A POESIA DE EMILY DICKINSON E A INFINITUDE HUMANA

Trabalho de TCC, como requisito parcial para a
obtenção do título de Graduado em Letras.

APROVADO EM: 23/11/2017

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Liane Schneider (UFPB/DLEM) – Presidente/Orientadora

Profa. Dra. Danielle de Luna e Silva (UFPB/DLEM) - Examinadora

Profa. Dra. Gloria Maria Oliveira Gama (UFPB/DLEM) – Examinadora

Profa. Dra. Elinês de Albuquerque Vasconcelos de Oliveira (UFPB/DLEM) – Suplente

RESUMO

A presente pesquisa discute a poesia de Emily Dickinson e as fronteiras entre a finitude e não-finitude humanas. Para tanto, discutimos o contexto do século XIX, localizando a vida e a obra da autora em textos retirados de livros específicos sobre poesia, antologias, artigos e sites da internet, dicionários de símbolos, entre outros. Essa pesquisa teve como objetivo principal a análise de dois de seus poemas, desenvolvendo uma leitura detalhada dos mesmos, além de uma comparação, ainda que breve, no que se refere às temáticas em foco – as relações entre o humano, a vida e a morte. Para o embasamento teórico, utilizamos vários autores e autoras, tanto dos Estados Unidos, como ingleses e brasileiros. O método de pesquisa foi bibliográfico, com um olhar sobre os poemas interessado nos métodos exploratório, explicativo e descritivo. Por fim, apresentamos nossas breves conclusões, apontando para a forma particular de detalhar o sentimento de finitude/infinitude em relação ao humano, trabalhado em Dickinson de forma a indicar caminhos de continuidade, no plano espiritual. A pesquisa demonstra que a autora tinha uma visão da morte peculiar para sua época, apresentando em seus poemas estratégias poéticas, como metáforas, ironias e ambiguidades de forma diferenciada de tantos outros escritores de então.

Palavras-chave: Emily Dickinson; Poesia estadunidense; Finitude/ infinitude; Século XIX

Abstract

The present research discusses the poetry of Emily Dickinson and the boundaries between human finitude and non-finitude. To do so, we discuss the context of US nineteenth century, locating the life and work of the selected poet in texts taken from specific books on poetry, anthologies, articles, dictionaries of meaning and symbols and internet sites, among others. This research has as its main objectives the analysis of two of Dickinson's poems, developing a detailed reading of them, besides presenting a brief comparison of our reading of both, regarding the themes in focus - the relations of human beings with the concept of life and death, problematizing the idea of finitude. For the theoretical basis, we use several authors, from the United States, as well as from England and Brazil. The research method is bibliographical, interested in exploratory, explanatory and descriptive methods. Finally, we present our initial conclusions, pointing to the particular way Dickinson constructed images of finitude/non-finitude in relation to human beings, worked in Dickinson so to discuss the possibility of life after death, in the spiritual sphere. The research shows that the poet had a quite peculiar vision of death for her time, presenting poetic strategies such as metaphors, ironies and ambiguities to deal with these difficult themes in very creative ways.

Key words: Emily Dickinson; American poetry; finitude/non-finitude; Nineteenth century

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p.10
CAPITULO 1 – O século XIX e o contexto estadunidense	p.12
1.1 - O contexto social e político	p.12
1.2 - Direitos das mulheres	p.14
CAPITULO II - Escrita feminina e a poesia de Emily Dickinson	p.18
2.1 – Quem eram as mulheres que escreviam no século XIX nos US?	p.18
2.2 – Emily Dickinson: desvelando o mito	p.20
CAPITULO III – Finitude/Infinitude pelo olhar de Dickinson	p.23
3.1 – Dois poemas selecionados	p.23
3.2 –Análise dos poemas	p.24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p.29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p.32

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade discutir parte da produção poética de Emily Dickinson (1830-1886), que só teve seus poemas publicados de forma completa após sua morte. A poeta viveu no século XIX, período durante o qual ocorreu a Guerra Civil nos Estados Unidos. Além disso, o período foi marcado por vários conflitos e debates, como aqueles sobre a escravidão e os direitos das mulheres. Aos poucos, as vozes de algumas mulheres foram sendo ouvidas através dos seus escritos e, assim, promoveu-se uma certa “liberdade” de expressão para essa parcela da população, principalmente de classe mais alta. Nesse sentido, as mulheres expressaram o desejo de ter cada vez mais direitos e liberdade, como veremos nos capítulos a seguir.

Emily Dickinson, sem dúvida, foi uma das grandes poetisas daquele século, seus poemas apresentando figuras de linguagem que representam a vida dos seres humanos, trazendo à tona temas que não eram tão aceitos à época. Acima de tudo, o que se destaca é a beleza de sua escrita, em alguns poemas apresentando formas persuasivas da não finitude da vida. Ela escreveu majestosamente sobre a natureza, o amor e a morte. A sua palavra permanece viva até hoje, quando já se passaram 131 anos de sua morte; mesmo assim, quando se lê ou ouve alguns dos seus poemas, algo sempre chama a atenção para a sua escrita de forma renovada.

Um dos seus poemas mais lido e trabalhado é o “**Because I could not stop for Death**” ou “**Chariot**”, intitulado dessas duas formas, onde Dickinson fala sobre a morte que todos têm de enfrentar um dia, sendo que a preparação para tanto é o mais difícil. Já em “**The Farewell**”, também temos o tema da morte, onde a poeta discute sobre a despedida da vida e as formas de partir. O conceito de infinitude, ou não-finitude, aponta para o fato de que, quando o corpo carnal é desfeito, nem tudo acaba, mostrando um mundo espiritual revestido de novas formas e apontando para uma nova forma de vida, a partir de então sem limites, ou sem finitude, enfim, uma nova vivência espiritual. Dickinson discute a presença de um espírito superior (seja esse um Rei, Senhor ou Deus) que há de conduzi-la (ou pelo menos o eu lírico) a um porto seguro e segurar sua mão para não a deixar só nesse momento final, já que o caminho de ida não é claro para

os olhos humanos. Além disso, vale considerar que a confiança é firmada entre o ser que parte e algo maior.

Temos informação sobre as diferentes formas de publicação dos poemas de Dickinson, por vezes usando apenas números de referência, noutras a primeira linha como título, mas adotamos o que foi utilizado no livro de referência para nós, a obra completa da autora que consta de nossa bibliografia.

Nesse sentido, organizamos nosso trabalho da seguinte forma: no primeiro capítulo, intitulado **O século XIX e o contexto estadunidense**, discutimos o contexto da época em termos gerais, bem como em respeito às mulheres, os direitos pelos quais lutavam. Dessa forma, passando pela história dos US, pudemos chegar a voz da autora que enfocamos. Assim, o segundo capítulo, intitulado **Escrita feminina e a poesia de Emily Dickinson**, apresenta a relação entre mulheres escritoras e literatura nos Estados Unidos de então. Pretendemos aí colocar a voz de Dickinson dentro do contexto da escrita que mulheres vinham desenvolvendo, bem como adentrar sua poesia. No terceiro e último capítulo, intitulado **Finitude/Infinitude pelo olhar de Dickinson**, partimos para a discussão dos dois poemas selecionados, que tratam do momento da despedida desse mundo, um eu lírico que fala sobre o partir para uma outra esfera de vida, talvez.

Ao final, apresentamos nossas breves conclusões, sabendo que a poesia de Dickinson é inesgotável. Gostaríamos de deixar claro, nessa introdução, que tanto a rica linguagem poética da autora quanto as imagens que essa traz sobre vida pós-morte determinaram nossa escolha por desenvolver esse trabalho.

CAPITULO 1 - O SÉCULO XIX E O CONTEXTO ESTADUNIDENSE

Nesse primeiro capítulo do texto abordarei o século XIX, já que o mesmo foi o século em que viveu Emily Dickinson (1830-1886), poeta central em minha pesquisa. Como nenhum escritor ou escritora existe de forma completamente independente de seu tempo e lugar, acredito ser importante verificar como foi o período de sua vida, que, em certa medida, marcou sua poesia.

1.1 – O contexto social e político

Ao longo do século XIX, os Estados Unidos passaram por vários conflitos, principalmente entre os anos 1820-1865, época que daria início a uma revolução tanto literária como social e política. Mais especificamente, a Guerra Civil (1861-1865) foi um marco político na história daquele país durante a segunda metade do século XIX, dividindo a nação em duas partes, opostas em termos de valores, objetivos e princípios. Além da crescente industrialização (mais ao Norte, principalmente) que influenciava a política da época, havia questões de interesses e posicionamentos de outras ordens que separavam o Sul do Norte, tais como a escravidão.

A escravidão veio a ser abolida no território dos Estados Unidos apenas no ano de 1865, ao final da Guerra Civil, mas já o Ato de Emancipação, assinado pelo presidente Abraham Lincoln em 1863, segundo Peter High (1986), significou o primeiro passo no sentido de oficialmente questionar práticas escravagistas. O ponto central desse ato era a libertação de cerca de 4 milhões de escravos negros. Nos anos que antecederam a abolição, vários movimentos de reforma foram organizados, tais como os contrários à escravidão, os dos direitos das mulheres e até mesmo os ataques dos locais aos imigrantes e instituições católicas, que acabaram culminando na Guerra Civil, o que inclusive estimulou a proliferação de publicações sobre tais temáticas no período do *antebellum*. O período chamado de Antebelo (ou *antebellum*) na história americana geralmente é considerado como o período anterior à Guerra Civil, posterior à Guerra de 1812, embora alguns historiadores o expandam a todos os anos desde a adoção da

Constituição em 1789 até o início da Guerra Civil¹. Caracterizou-se pelas lutas abolicionistas, ocorrendo a polarização gradual dos EUA entre abolicionistas e defensores da escravidão. Durante o mesmo período, a economia do país começou a se desenvolver mais ao Norte, à medida que a Revolução Industrial avançava, enquanto no Sul, um *boom* do algodão fazia das plantações (*plantation system*) o centro da economia. Portanto, o Sul precisava de mão de obra e preferia consegui-la através da escravidão, praticamente sem custos, ao passo que o Norte queria trabalhadores livres e não aceitava o fato de ver seres humanos colocados naquelas condições por causa de sua raça.

Essas décadas do século XIX, portanto, nos interessam pelos conflitos e planos de reformas na sociedade e cultura estadunidense. A reforma é, assim, um crucial contexto para os escritores tradicionalmente associados com o Renascimento Americano e consideramos importante alguma informação sobre esse período da literatura e cultura do país, a fim de nos aproximarmos, posteriormente, da poesia de Emily Dickinson.

Ralph Waldo Emerson foi o precursor da reforma renascentista, pois exortava os cidadãos estadunidenses a romper com a Europa e suas formas filosóficas e estéticas de escrita e organização do raciocínio. A convicção dele era de que a literatura e a cultura dos E.U.A. não estavam realizando promessas revolucionárias e democráticas realmente inovadoras. Conforme mencionado na *The Norton Anthology of American Literature* (2007, p. 940) muitos cidadãos do Sul, acreditavam que a constituição tinha favorecido o direito do Estado (segundo Marquese), considerando que isso era mais uma invasão do governo federal sobre todo os diversos territórios nacionais, desconsiderando as autonomias dos estados, e não apenas uma defesa pela libertação dos escravos. Daí o reformismo ter se tornado mais um conflito do que um consenso. Muitos dos movimentos do período *antebellum*, ainda segundo a antologia *Norton* acima citada (2007, p. 938), eram ativamente dirigidos pelas elites protestantes no Norte, que estavam interessadas em manter seu poder e a autoridade durante o crescimento dessas elites como classe destacada, marcando inclusive a diversidade étnica que reconheciam entre si.

Outra preocupação no período *antebellum* direcionou-se aos pobres e aos grupos de imigrantes, que também tinham um importante lugar no movimento da reforma

¹ Informações retiradas do site <http://www.historynet.com/antebellum-period>

urbana. Diversos escritores buscaram expor seus leitores aos desafios vivenciados pelos empobrecidos para induzir intervenções filantrópicas e causar certa empatia com a causa dos menos favorecidos na sociedade de então. Havia alguns escritores e algumas escritoras, como Lydia Sigourney, poeta bastante popular no século XIX, e Henry Wadsworth Longfellow, que eram lidos por um grupo razoável de leitores. As romancistas Harriet Beecher Stowe e Fanny Fern também obtiveram popularidade, conforme a seção da *The Norton Anthology* intitulada ‘**American Literature**’ (1820 – 1865) onde é discutida a escravidão, a imigração e outros contextos políticos e sociais, sendo a literatura daquelas escritoras uma influência significativa sobre a população dos Estados Unidos. Harriet Beecher Stowe, por exemplo, com seu livro *Uncle Tom’s cabin* (1852) ou *A cabana do Pai Tomás*, é por vezes citada como a pequena mulher que causou uma grande guerra, no caso, a Guerra Civil estadunidense. Harriet B. Stowe mostrava como as mulheres poderiam ter um efeito sobre a cultura e o mundo externo mesmo dentro do lar. Ela abraçou a esfera pública através da autoria de livros como o acima citado, que a trouxeram para a popularidade, de onde conseguia defender suas causas.

1.2 – Direitos das mulheres

Como o século XIX foi de grande efervescência nos Estados Unidos, o fato de mulheres terem um lugar no movimento da reforma urbana que ocorreu naquele período não foi surpresa, já que essa reforma tinha estimulado a luta pelos direitos dos cidadãos, inclusive das mulheres, que lutavam pelo sufrágio universal, daí serem chamadas de *suffragettes*.

Como nos aponta *The Norton Anthology of Literature by Women* (1996, p. 288), as mulheres ao longo dos séculos XVIII e XIX, na maior parte dos países europeus e mesmo nas Américas, ainda estavam relegadas a uma esfera privada, que não permitia grande participação social:

De fato, apesar das novas concepções sobre direitos humanos dramatizados pelas revoluções Americana e Francesa e do debate sobre direitos para as mulheres, destacadamente promovidos por Wollstonecraft e, mesmo antes, por escritoras como Hannah More e

Anne Finch, quase todas as mulheres ainda estavam confinadas pela lei e pelos costumes a uma “esfera” secundária, *do privado*. Ainda mais grave era que alguns dos pensadores mais liberais da época ajudaram a formular um conceito de "esfera da mulher" que, de certa forma, não era menos opressiva do que a misoginia dos monges medievais e o antifeminismo da lógica augustina.²

No contexto dos Estados Unidos, em *The great lawsuit* (1843), Margaret Fuller defendia que as mulheres deveriam ter ótimas oportunidades para sua educação e participação na esfera pública, incluindo o direito de serem representadas através do seu voto. Contudo, diversos estados ainda mantinham as mulheres sem direito ao voto e sequer à propriedade ao longo de quase todo século XIX. O movimento de sufrágio tornou-se mais visível a partir da reunião de Sêneca Falls, em 1848, a primeira convenção dos direitos das mulheres, que deu impulso para que a nação passasse a ser mais receptiva em relação a diversos direitos femininos. O grande nome dessa primeira convenção foi o de Elizabeth Cady Stanton, que, segundo o site da *United States House of Representatives*, deu um impulso ao debate em favor do voto das mulheres ao escrever uma declaração dos direitos das mulheres composta de 13 pontos, incluindo aí o direito ao sufrágio.

Inicialmente, convenções do tipo que ocorrera em Sêneca Falls apontavam barreiras sociais e institucionais que limitavam os direitos das mulheres, incluindo-se aí as responsabilidades familiares, a falta de oportunidades educacionais e econômicas que as mulheres haviam vivenciado e a ausência de voz dessas nos debates políticos. Elizabeth Stanton, acima citada, e Susan B. Anthony, professora de Massachusetts, se conheceram em 1850 e forjaram uma aliança vitalícia como ativistas dos direitos das mulheres. Como muitas outras mulheres reformadoras da era, ambas vinham participando do movimento abolicionista. Durante a maior parte da década de 1850, ambas protestaram contra a negação das liberdades econômicas básicas para as mulheres. Stanton e Anthony criaram a *National Woman Suffrage Association* (NWSA), e Lucy Stone, uma advogada anti-escravagista de Massachusetts que atuava como lobista pelos direitos das mulheres, formou a *American Woman Suffrage Association*

² Indeed, despite the new conceptions of human rights dramatized by the American and French revolutions and the arguments for women's rights eloquently advanced by Wollstonecraft and earlier by writers such as Hannah More and Anne Finch, almost all women were still confined by law and custom in a secondary, private "sphere." Worse still, even some of the most liberal thinkers of the age helped formulate a concept of a "woman's sphere" that was in its way no less oppressive than the misogyny of medieval monks and the antifeminism of Augustan wits.

(AWSA). Durante a década de 1880, essas duas alas do movimento dos direitos das mulheres lutaram para manter suas agendas de luta e suas conquistas.³

Contudo, como se trata de um período ainda bastante conservador na história estadunidense, nenhum dos dois grupos organizados por mulheres – a NWSA e a AWSA – conseguiu o amplo apoio das mulheres ou persuadiu os políticos ou eleitores do sexo masculino a adotar sua causa. Em 1890, buscando capitalizar o novo "círculo eleitoral", os dois grupos se uniram para formar a *National American Woman Suffrage Association* (NAWSA). Durante as próximas duas décadas, a NAWSA trabalhou como uma organização não partidária focada em ganhar o voto nos estados, embora os problemas gerenciais e a falta de coordenação limitassem seu sucesso. O primeiro estado a conceder às mulheres direitos de voto completo foi Wyoming em 1869, já após o final da Guerra Civil, portanto. Três outros estados ocidentais fizeram o mesmo: Colorado (1893), Utah (1896) e Idaho (1896) – isso logo após a NAWSA ter sido fundada. Apesar das mulheres terem conseguido esta vitória, ainda assim, elas continuariam lutando para conseguirem esse sucesso em todo o país, a fim de buscar acabar com a exclusão que enfrentavam.

Na verdade, nos Estados Unidos, como aponta a *Norton Anthology of Literature by Women* (1996, p.297), o que de fato impactou a luta das mulheres em direção ao feminismo, ainda que de forma tímida, foram as lutas antiescravagistas.

Entre os arguidores mais proeminentes pela causa abolicionista, estavam as irmãs Grimké, Sarah e Angelina, que imediatamente reconheceram uma conexão entre sua própria impotência política e a subjugação dos escravos. Se as mulheres não tivessem permissão para falar na esfera pública, elas argumentavam, como poderiam testemunhar o que elas apenas sabiam? ⁴

Ao olhar geral e do senso comum à época, as mulheres eram cidadãs de segunda classe, sem voz e sem direitos. O casamento lhes dava algum status, mas muitas obrigações, implicando que aceitassem caladas o lugar que lhes era oferecido na família.

³ Acessível no *site* da UNITED STATES HOUSE OF REPRESENTATIVES (ver bibliografia).

⁴ Among the most prominent speakers for the abolitionist cause were the Grimké sisters, Sarah and Angelina, who early saw a connection between their own political powerlessness and the subjugation of slaves. If women were not allowed to speak in the public sphere, they argued, how could they bear witness to what they knew was just?

Buscamos nos informar sobre a situação e os direitos das mulheres nos Estados Unidos da época para conseguirmos nos aproximar da figura de Emily Dickinson, podendo compreender um pouco melhor de onde e com que propriedade ela escrevia seus poemas. Sabemos que Dickinson teve acesso ao estudo, o que fez toda a diferença em sua vida. Passaremos agora, no próximo capítulo, a discutir especificamente o campo da literatura e como as mulheres se inseriam nele.

CAPÍTULO 2 - ESCRITA FEMININA E A POESIA DE EMILY DICKINSON

Tentaremos nesse capítulo desenvolver uma breve revisão sobre a relação entre mulheres e literatura no período em que Dickinson viveu. As dificuldades que as mulheres norte-americanas enfrentavam não eram poucas naquela época, pois, como dissemos, os Estados Unidos vivenciavam uma Guerra Civil, além das tensões que a antecederam e as consequências dessa. As pressões sobre as mulheres eram grandes, pois elas vivenciavam os problemas do país, mas não tinham o mesmo espaço social para reagir, pensar, falar e escrever sobre os fatos que os homens. Mas claro que elas sempre escreveram.

2.1 – O contexto da escrita de mulheres no século XIX nos EUA?

Segundo nos informa Cheryl Walker (1998, p. 12): “o alcance e a variedade da escrita de mulheres do século XIX nos lembra que as mulheres publicaram uma grande quantidade de poesia durante esse período. [...] Mas como devemos ler essa poesia? O que ela nos conta”⁵? Essas perguntas têm lugar pois muito se perdeu, alguns textos e poemas desapareceram em diários esquecidos ou folhas de papel amareladas. E, como complementa Walker (p.12), “embora Emily Dickinson tenha sido popular desde os anos vinte, a maioria das mulheres americanas mais antigas caíram no esquecimento até o final da década de 1970, quando acadêmicas feministas começaram a trazer à luz uma série de poetisas pouco conhecidas do século XIX, cujas obras tornaram-se novamente interessantes para uma nova geração de leitores”⁶.

Walker ainda apontava que o contexto sócio-histórico daquela época fazia com que as mulheres trouxessem temas sobre a vida familiar, guerra, morte, preconceitos, direitos, escravidão e liberdade. Na verdade, suas vozes buscavam ecoar questões da sociedade, tentando mostrar ao mundo que as mulheres também faziam parte dessa, pelo

⁵ The range and the variety of the nineteenth century women's writing reminds us that women published a great deal of poetry during this period [...] But how should we read their poetry? what does it tell us?

⁶ Though Emily Dickinson has been popular since the twenties, most older American women were forgotten until late 1970s when feminist scholars began to bring to light a score of little-known nineteenth-century poets whose works were once again interesting to a new generation of readers.

menos do grupo em que se inseriam, e que deveriam ser ouvidas, não excluídas, do contexto familiar, social e histórico. As dificuldades eram muitas, entretanto a luta continuava, e o desejo de liberdade só aumentava com o passar do tempo.

Walker (1998, p. 232) menciona a divisão de poetas estadunidenses do século XIX em quatro categorias primárias: nacionais, românticos, realistas e modernos. Os/as nacionais, como Lydia Sigourney, tomam seriamente questões relativas aos direitos humanos. Tais poetas são derivados/as de um contexto do século XVIII e, segundo a autora, formam o primeiro agrupamento de poetas identificável nos EUA. Em contraste, os românticos americanos, seus sucessores imediatos, se deleitavam com suas emoções e exploravam estados psicológicos, interessando-se pelo que afeta os indivíduos. Os realistas abordavam, ainda segundo Walker, os desafios políticos dos românticos, dedicando-se a retratar as condições da vida cotidiana. E, finalmente, os modernos recusavam resoluções simplificadoras, deixando várias pontas soltas, “fraturando a unidade linguística ou optando pela forma simples e direta do discurso moderno” (WALKER, 1992, 232).

Contudo, mesmo reconhecendo como importante a classificação de Walker, sabemos que as divisões em classificações nem sempre são tão exatas. Emily Dickinson, por exemplo, é ao mesmo tempo, romântica e moderna, o que é destacado por Cheryl Walker,

Se Emily Dickinson invoca o romantismo apenas para desafiar muitos dos seus pressupostos básicos - ela pode ser chamada de romântica? Será o sentimental um subconjunto do romantismo, como alguns argumentam, ou será uma estratégia empregada por mulheres em todas as categorias e ao longo de todo o século, para minar a separação masculinista entre experiência intelectual e emocional, vida pública da privada?⁷ (WALKER, 1992, p.232)

A Norton Anthology of Literature by Women (1996, p. 856) esclarece que Dickinson praticou muito de sua habilidade literária nas cartas que escrevia. “[...] Ao longo de sua carreira, Dickinson manteve uma correspondência volumosa, animada e muitas vezes

⁷ If Emily Dickinson invokes romanticism only to challenge many of its basic assumptions, can she be called a romantic? Is the sentimental a subset of romanticism, as some have argued, or is it a strategy, employed by women in all categories and throughout the century, to undermine the masculinist separation of intellectual from emotional experience, public from private life?

brilhante com amigos pessoais e familiares, bem como com conhecidos do campo da literatura”⁸.

Claro que não se pode mais afirmar que todas as mulheres poetisas, entre essas, Emily Dickinson, tiveram poucos contatos sociais, ficando solteiras e reclusas. Ainda segundo Cheryl Walker, (p.233), algumas mulheres poetisas como Alice Cary, Lucy Larcom e Lizette Woodworth Reese permaneceram solteiras ou sozinhas, mas outras, como Lydia Sigourney, Frances Osgood e Sarah Morgan Bryan Piatt, se casaram quando jovens, enfrentando os desafios de escrever e, ao mesmo tempo, estar envolvida nos arranjos conjugais do século XIX, nem sempre convidativos.

Acadêmicas e estudiosas do feminismo aproximaram-se da escrita de mulheres do século XIX trazendo diversas contribuições para o estudo dessa poesia, entre essas, a importância dada ao contexto histórico.

O que significava ser uma mulher naquele século, uma mulher branca de classe média, uma mulher negra nascida de pais livres, uma mulher branca da classe trabalhadora, uma mulher residente no oeste estadunidense? Essas questões, que tipicamente são de raça, classe, geografia e gênero, nos ajudam a "localizar" as poetisas mulheres do século XIX com mais precisão.⁹ (WALKER, p.233)

2.2 – Emily Dickinson: desvelando o mito

Conforme *The Norton Anthology of Literature by Women* (1996, p.855), em 1881, uma jovem chamada Mabel Loomis Todd (1856-1932) escreveu aos pais sobre "o personagem de Amherst (...), uma senhora a quem as pessoas chamam de 'mito': que não foi vista fora de sua casa por quinze anos, se veste totalmente de branco e é dito que

⁸ [T]hroughout her career, Dickinson maintained a voluminous, lively, and often brilliant correspondence with personal and family friends as well as literary acquaintances

⁹ What did it mean to be a woman in this century, a white middle-class woman, a black woman born to free parents, a working-class white woman, a woman living in the west? these questions, which are typically those of race, class, geography, and gender, have helped us to "place" nineteenth-century women poets more accurately.

sua mente é maravilhosa"¹⁰. Essa carta privada indicava o surgimento da lenda Emily Dickinson, uma das maiores poetisas do século XIX, que durante anos foi retratada por biógrafos e críticos como uma pessoa reclusa e excêntrica. Na verdade, conforme a antologia *Great Poems by American Women* (1998, p. 89), “Lavínia, irmã de Dickinson, Mabel Loomis Todd e Thomas Wentworth Higginson publicaram *Poems by Emily Dickinson* (1890) após sua morte”.

Emily Dickinson nasceu em 10 de dezembro de 1830, e morreu em 1886 de doença de Bright (Insuficiência renal crônica). Nasceu e viveu em Amherst, uma cidade em Hampshire County, Massachusetts, Estados Unidos. Conforme o livro *A Jury of her peers*, de Elaine Showalter (p.146), Dickinson escreveu mais do que 1800 poemas, sendo que 917, ou seja, mais da metade, foram escritos entre 1861 e 1865. Contudo, após a Guerra Civil, a produtividade da poeta decaiu, sendo que passou a escrever mais lentamente.

É preciso levar em conta que o contexto sociocultural e das religiões do século XIX na pequena cidade de Amherst, Massachusetts, onde Dickinson nasceu e morreu, “exerceu forte influência em sua maneira de ser. Sua vida familiar era pautada pelas regras calvinistas. No entanto, a poesia dickinsoniana revela uma voz poética que evoluiu num misto de fé religiosa e livre pensadora” (GEHA, p. 118), o que por vezes se mostra através de fina ironia. Alguns de seus poemas certamente, segundo a autora acima citada, são “afirmações de fé”. De fato, a voz poética de Dickinson prefere falar com Deus, sem precisar ouvir sermões na igreja. Numa de suas cartas à grande amiga Abiah Root, Dickinson confessou seu desapontamento com a religião logo após sua chegada a Mt. Holyoke - um seminário para mulheres, em Amherst, onde iniciou seus estudos. A maioria das garotas aceitava as ideias transmitidas pelos pregadores, mas Dickinson tendia a rejeitá-las ou questioná-las: “sou a única a me rebelar” (MARTIN apud GEHA, p.119).

Emily Dickinson afirmava que, mesmo tendo muitos livros em casa, o pai solicitava que não lesse em excesso, pois isso poderia “embotar sua mente. (...) A mulher era criada para casar e procriar. Daí considerar-se que as atividades domésticas e não as intelectuais, eram apropriadas à constituição feminina” (GEHA, p. 119).

¹⁰ (...) the character of Amherst ... a lady whom the people call the ‘Myth’: She has not been outside of her own house in fifteen years (...). She dresses wholly in White, and her mind is said to be perfectly wonderful.

Portanto, já que trabalhar ou exercer atividade fora de casa era dificultado, pelo menos às mulheres de sua classe, restava ocupar-se em casa, às escondidas por vezes, lendo o que nem era indicado para si.

CAPITULO 3 - FINITUDE E/OU NÃO FINITUDE PELO OLHAR DE DICKINSON

Neste capítulo discutiremos e analisaremos dois poemas de Emily Dickinson; o primeiro, THE CHARIOT, e o segundo FAREWELL, ambos publicados no livro *Collected poems of Emily Dickinson*, impressos respectivamente nas páginas 199 e 256.

3.1- Os dois poemas selecionados

THE CHARIOT

Because I could not stop for Death,
He kindly stopped for me;
The carriage held but just ourselves
And Immortality.

We slowly drove, he knew no haste,
And I had put away
My labor, and my leisure too,
For his civility.

We passed the school where the children played,
Their lessons scarcely done;
We passed the fields of gazing grain,
We passed the setting sun.

We paused before a house that seemed
A swelling of the ground;
The roof was scarcely visible,
The cornice but a mound.

Since then 't is centuries; but each
Feels shorter than the day
I first surmised the horses' heads
Were toward eternity.

FAREWELL

Tie the strings to my life, my Lord,
Then I am ready to go!
Just a look at the horses –
Rapid! That will do!

Put me in on the firmest side,
So I shall never fall;
For we must ride to the Judgment,
And it's partly down hill.

But never I mind the bridges,
And never I mind the sea;
Held fast in everlasting race
By my own choice and thee.

Good-by to the life I used to live,
And the world I used to know;
And kiss the hills for me, just once;
Now I am ready to go!

3.2 – Um olhar sobre a poesia e os poemas selecionados

No livro de Massaud Moisés (2002, p. 40-41), *Análise Literária*, na seção voltada ao texto poético, o autor menciona que, “a poesia será entendida como a expressão do ‘eu’ por meios de metáforas”, defendendo ainda que como, “a característica específica da poesia reside antes da visão própria que oferece da realidade que no fato de ser expressa em versos, sua análise há de implicar, sobretudo e em última instância, essa concepção de mundo”. Assim, Moisés afirma que “...a metáfora seria uma palavra-chave”, e que também “as metáforas (como tudo num poema) obedecem a determinada ordem, mas quem a dita é o próprio poema, segundo o arranjo formal eleito pelo poeta, e não segundo os postulados da lógica”. (2002, p.42). Sabemos que a crítica literária busca definições que apontam caminhos do que seria essa particularidade do discurso literário, no caso, da poesia. Portanto, nas análises que vamos apresentar, sabendo que muito já foi desenvolvido sobre Dickinson, tentaremos indicar motivos para nosso gosto pela obra, adquirido através de aulas, leituras e críticas, além de demonstrar essa visão de mundo da autora, principalmente no que diz respeito à temática que escolhemos como central – a morte e a dimensão do infinito.

No livro *An outline of American Literature* (p. 75), já somos informados sobre as marcas da religiosidade na poesia de Dickinson, influenciando sua forma de discutir a finitude (ou não-finitude) humana. “A própria infância calvinista de Dickinson deu-lhe essa maneira de ver a vida em termos de morte¹¹.” Acreditamos que o contexto, tanto filosófico quanto religioso do norte dos Estados Unidos determinou profundamente a forma como a poeta tratava dessa temática. Ainda assim, Dickinson fez uma busca pela fé, investigando compreensões além das convenções religiosas da época, procurando inclusive respostas na filosofia de Ralph Waldo Emerson, um dos mais importantes transcendentalistas dos Estados Unidos. De fato, ela “estudava o transcendentalismo e a Bíblia”, de acordo com sua apresentação na *The Norton Anthology of Literature by*

¹¹ Dickinson's own Calvinist childhood gave her this way of looking at life in terms of death.

Women (p.858), confirmando seu interesse pela temática religiosa/filosófica e da impossível permanência eterna dos seres humanos na terra.

De acordo com o livro *A Jury of her Peers* (p.150), “Dickinson passou anos meditando sobre a morte e as perdas. Seus poemas questionavam-se sobre como seria o morrer e o sofrer e se a imortalidade espiritual poderia coexistir com a decadência terrestre.”¹²

Devemos inicialmente justificar nossa escolha por esses dois poemas acima citados dentre tantos que essa poeta estadunidense de grande estatura escreveu. A escolha da temática advém do nosso interesse sobre questões que envolvem as fronteiras entre a vida e a morte, a imortalidade e a finitude humana, temas, enfim, que provocam perguntas de fundo religioso ou filosófico na maioria dos seres humanos. Os dois poemas selecionados representam partidas: deixar lugares, pessoas, sentimentos, sem certeza da chegada. Um se volta ao passado, o outro ao futuro, os dois em direção ao desconhecido, o final da jornada terrestre. Podemos, logo de início, verificar que os dois poemas selecionados tratam de um movimento para a morte. Ambos se referem a uma carruagem, envolvida no transporte figurativo para o mundo do além, uma das metáforas que Dickinson utiliza nessa discussão sobre a partida final. Discutiremos inicialmente o poema “**The Chariot**” (A carruagem).

A versão que usamos do poema “**The Chariot**” consta de cinco estrofes, apesar de termos conhecimento de que houve publicações com seis estrofes. No entanto, mantendo fidelidade com nossa fonte de referência, utilizaremos a versão mais curta e que é citada na nossa bibliografia.

Chama nossa atenção o fato de a morte ser aqui referida no masculino, como *He*, sendo que esse masculino se comporta de forma gentil (*kindly*), se move lentamente (*slowly*) e com cortesia (*civility*). É uma morte que não assusta, que acompanha o eu lírico nessa jornada para o além.

Como vemos na primeira e na segunda estrofes:

*Because I could not stop for Death/ **He kindly** stopped for me;/*

*The **carriage** held but just ourselves / And Immortality.*

*We **slowly** drove / he knew no haste / And I had put away / My labor, and my leisure too/*

*For his **civility**.*

¹² Dickinson spent the years meditating on death and loss. Her poems ask how it feels to die, how it feels to grieve, whether spiritual immortality can coexist with earthly decay.

Na terceira estrofe, o eu lírico, a morte e a eternidade se movem na carruagem, vendo as crianças brincando, os campos brotando, o sol se pondo.

*We passed the school where the **children played**,/ Their lessons scarcely done;
We passed the **fields of gazing grain**, / We passed the **setting sun***

Enfim, o eu lírico menciona aqui os andamentos da vida, como se a pessoa, antes de morrer, considerasse tudo por que passou, tudo que viveu, da infância ao momento final.

Na quarta estrofe: “*We paused before a house that seemed/ A swelling of the ground;/ The roof was scarcely visible, The cornice but a mound*, supomos que a expressão “*We paused before a house (...)*”, se refira ao próprio túmulo, local do último repouso do corpo que ocorre logo depois do sol se pôr, ou seja, após o momento da morte.

Ao final do poema, a última estrofe sugere que essa morte já teria ocorrido há séculos, mas ao eu lírico parecia recente o dia em que esse foi surpreendido com a direção seguida por aqueles cavalos, que puxavam a carruagem em direção à eternidade e ao fim da vida. Aparentemente, o eu lírico, provavelmente feminino, é enlevado pela morte, aqui masculina, quase sendo seduzida por esse companheiro para acompanhá-la nessa viagem sem volta, a última viagem que faria.

*Since **then ‘t is centuries**; but each / Feels shorter than the day/ I first surmised the horses’ heads / **Were toward eternity**.*

Como aponta Jeová Mendonça (2006, p.161) em seu artigo **The timelessness fact of death**, ao comentar o poema em discussão, “a carruagem que leva o enunciador desde o início em direção à imortalidade, uma metonímia para a gentileza de toda Morte, pode, por um momento ser literalmente vista como a mesma que transporta o corpo desse enunciador para o cemitério”¹³. Portanto, a forma como esse ser segue em busca da eternidade, está vinculada à condução feita por esses cavalos, que conduzem, finalmente, a carruagem.

Como indica o *Dicionário de Símbolos* de Chevalier (1998, p. 192) no que diz respeito a veículos de locomoção (carros e carruagens), “outro dos símbolos do carro, que é hindu e platônico ao mesmo tempo, é o **do ego**: o carro só existe em função do conjunto das peças que o formam; por isso, quando essas peças são consideradas

¹³ the carriage which carries the speaker towards immortality from the very beginning, a metonymy for all Death's gentleness, may, for a moment, be literally seen as the same one with which the body of the speaker is being carried away to the cemetery.

separadamente, o carro deixa de existir; o carro, portanto, assim como **o ego**, é apenas uma designação convencional” da unidade, seja essa uma máquina ou a vida. Portanto, no poema de Dickinson que analisamos, a carruagem nos parece indicar essa ameaça à totalidade do ser – o ego está se deslocando em direção a sua finitude e as partes desse eu antes existentes vão se desfazendo na jornada, deixarão de existir em breve, pelo menos daquela forma, já que essa convenção de uma vida específica deixará de fazer sentido. A carruagem, merece destaque, é puxada por cavalos, interpretado por Chevalier (1998, p.202) como um animal “cujos misteriosos poderes suprem os do homem e transpõem-lhes o limite, no umbral da morte. Clarividente, acostumado com as trevas, o cavalo exerce funções de guia e de intercessor (...)”. Portanto, esse animal que enxerga mesmo sem luz, vem para auxiliar o ser humano em sua passagem final, em que o corpo será transportado para o desconhecido. Sem dúvida, Dickinson discute aqui no poema “**The Chariot**”, o primeiro poema analisado, as imagens da partida de um ser para o além, a passagem para a morte, conduzida de forma firme pelo plano animal.

Já o poema “**Farewell**” (Despedida), o segundo que nos propomos analisar, indica claramente o tema tratado pela voz do eu lírico, ou seja, a consciência explícita de que a partida será imediata.

*Tie the strings to my life, my Lord / Then I am ready to go / Just a look at the horses –
Rapid! That will do!*

*Put me in on the firmest side / So I shall never fall; / For we must ride to the Judgment,
And it's partly down hill.*

O eu lírico aqui já se encontra pronto para partir e, em segurança, por estar acompanhado de Deus, segue rápido rumo ao **Juízo Final**. Pede apenas que o caminho seja seguro, sem quedas, pois ele sabe onde chegará, de toda a forma. Imaginamos que, se há uma despedida, está implícita a noção de que um futuro encontro está previsto para bem mais tarde, isso em relação aos que deixa para trás.

A referência metafórica à descida (*down hill*) sugere que o eu lírico descera das alturas em que esteve e das quais tanto gostava (*kiss the hills for me, just once*) e chegará a um nível mais baixo, já não envolvido com o elevado ou celestial, mas com questões do humano ou até do purgatório, a fim de ser julgado por suas ações humanas. Em seguida lemos os versos que seguem:

*But never I mind **the bridges**, / And never I mind **the sea**; /Held fast in **everlasting race**
By **my own choice and thee**.*

***Good-by** to the life I used to live, /And the world I used to know;/ And **kiss the hills** for
me, just once;/ **Now I am ready to go!***

O eu lírico segue confiante, contando com o apoio divino que lhe dê suporte pelo caminho, através das pontes e do mar, nessa corrida longa e eterna, que é tanto escolha própria quanto de Deus. A despedida aparenta ser tranquila, pois tudo ficará para trás. Podemos inferir aqui que a vida sobre a terra desse eu lírico era marcada por algum sofrimento, pois foi decisão dela também partir, como se morrer pudesse aliviar algo. De fato, a literatura sempre buscou aliviar ou compreender os sofrimentos humanos, ou trabalhar essas dores do mundo de forma bela, criativa. Enfim, talvez seja por isso que a arte exista.

Contudo, essa voz menciona também que precise mandar um beijo de despedida para as montanhas, talvez o único elemento do qual sentirá falta. *The hills*, as montanhas, sugerem altitude, ar puro, ideias mais claras, certa elevação, tudo que ficará para trás. O eu lírico, tomando essa ponte de passagem, de uma margem para a outra da vida, descerá do lugar da criação poética, adentrando o lugar onde o corpo repousará (*down hill*), indicando a finalização do que foi um dia sonho de elevação, permanecendo agora apenas um corpo que irá se desfazer. Como a voz lírica diz que é uma escolha também sua partir, quem sabe a morte simbolize, de fato, aqui um alívio das dores que o corpo e/ou a alma enfrentam.

Como mencionamos anteriormente, de acordo com a visão de Moisés (2002, p.42), que defende que a poesia tem por característica apresentar uma visão própria da realidade, criando uma concepção de mundo, podemos imaginar que no poema “**Farewell**”, de Dickinson, a voz poética tem consciência da iminência da partida, sendo que até o deixar seu estado atual pode estar vinculado a um respirar mais profundo, marcado por um alívio de alguma natureza.

Nas nossas conclusões finais vamos buscar estabelecer uma comparação entre o que esses dois poemas, destacando a forma como tratam desse tema tão complexo: o momento final de uma vida e as possibilidades do que virá (ou não) depois que essa finda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o *Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English* (p.220) a morte é definida como literalmente “*the ending of life*” (a finalização da vida). Portanto, já nessa concepção fica claro que a presença da vida, por exemplo, eliminaria a presença da morte. Como polos opostos, se uma existe como estado, a outra está eliminada. Já de acordo com o *Dicionários de Símbolos* de Chevalier (p.622-623),

A morte designa o fim absoluto de qualquer coisa de positivo: um ser humano, um animal, uma planta, uma amizade, uma aliança, a paz, uma época. Não se fala na morte de uma tempestade, mas na morte de um dia belo. Enquanto símbolo, a morte é o aspecto perecível e destrutível da existência. Ela indica aquilo que desaparece na evolução irreversível das coisas.

Como podemos observar nos trechos dos dois dicionários citados, o sentido da morte está intimamente ligado a coisas negativas, já que o mundo dos vivos seria visto como o melhor ou, pelo menos, como o único que conhecemos, sendo por isso valorizado. Mas, Chevalier (p.622-623) também aponta que a morte é

(...) a introdutora aos mundos desconhecidos dos infernos ou dos paraísos; o que revela a sua ambivalência, como a da terra, e a aproxima, de certa forma, dos ritos de passagem. Ela é a **revelação e introdução**. Todas as iniciações atravessam uma fase de morte, antes de abrir o acesso a uma vida nova. Nesse sentido, ela tem um valor psicológico: ela liberta das forças negativas e regressivas, ela desmaterializa e libera as forças de ascensão do espírito. (...) Se o ser que ela abate vive apenas no nível material e bestial, ele fica na sombra dos Infernos; se, ao contrário, ele vive no nível espiritual, ela lhe revela os campos da luz.

Assim, os dois poemas de Dickinson analisados têm, de fato, algo em comum no que diz respeito à morte, ou seja, ambos tratam desse mesmo aspecto – de um sujeito levado para uma outra esfera, quem sabe uma nova vida, que não sabemos se será boa ou ruim. A voz do eu lírico nos dois poemas sugere uma intimidade com esse tema, talvez como uma etapa prevista. Mas Emily Dickinson ultrapassa as definições do dicionário Oxford sobre o fim da etapa terrena. Ela está mais sintonizada com o que Chevalier (p.622) diz, ou seja, sendo “**revelação e introdução**. Todas as iniciações atravessam uma fase da morte, antes de abrir o acesso a uma vida nova”. Portanto, os dois poemas tratam dessa passagem entre mundos, com quedas e surpresas, mas com um mistério sedutor. No primeiro, **The Chariot** (ou **Because I could not stop for death**), a voz que nos fala ainda teme, de certa forma, a passagem para outro mundo. Já no segundo poema, **The Farewell**, o eu lírico aparenta desde o início estar consciente da morte imediata. Nos dois casos, acreditamos se tratar em primeiro lugar da morte apenas do corpo, o físico que acaba e se deteriora. Fica sugerido também, pela voz poética, em ambos poemas, que algo permanece de alguma forma, havendo pelo menos uma preocupação quanto a isso. A morte aí não seria o fim de tudo.

Concluimos assim, que Emily Dickinson, como uma grande poeta do século XIX, demonstra nesses dois poemas que a vida tem um final e que um dia deixaremos tudo e todos, partindo para um outro lugar desconhecido, sendo guiados, como nos dois poemas, por alguma força ou um ser celestial para o encontro espiritual com outras esferas. O que isso significa exatamente dependerá do leitor/da leitora de cada poema. Dickinson não prega, mas nos dá esperança nesses dois poemas que há formas de se permanecer após a morte, formas variadas, conforme a vida vivida. Se pensarmos por outro ângulo, na verdade, os/as poetas nunca morrem, porque sua escrita permanece, tornando esses, assim, imortais. No mundo literário, não é por acaso que tantas academias de Letras são criadas, apresentando quem seria, aos olhos da crítica, candidato a essa imortalidade, imortalidade adquirida via escrita. Claro que Emily Dickinson não pensava exatamente nisso quando escreveu poemas sobre a temática da morte, mas, discutindo temas, entre eles a morte, sem dúvida viveu para sempre no campo da literatura.

Portanto, buscamos, nesse breve trabalho de pesquisa, aproximar os dois poemas e desvendar como Dickinson desenvolveu e discutiu o tema da morte. Por um lado, há um fim, uma finitude humana ali apresentada. Por outro, há uma infinitude anunciada,

que sugere talvez a existência de algo mais após a morte. Sempre nos impressionou a possibilidade de poder trazer o discurso filosófico-religioso para perto do poético. Acreditamos que Dickinson, influenciada pelo transcendentalismo e talvez impactada pela perda de parentes ao longo de sua vida, conseguiu criar imagens que transcendem o mundo físico para chegar à esfera espiritual. Assim, sua poesia nos enche de esperanças e de paz no que se refere a esse momento final de um ser humano sobre a terra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionários de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, cores, números)*. Trad. Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

GILBERT, M. Sandra. And GUBAR, Susan. *The Norton anthology of literature by women: the transitions in English*. New York. London, ed. W. W. Norton & company, 1996.

GEHA, Clélia Reis. Emily Dickinson e alguns aspectos da questão feminina. In: AZEREDO, Genilda e MENDONÇA, Jeová (orgs.) *Letra Viva: Edição especial: a palavra viva de Emily Dickinson*, João Pessoa, Dez 2006.

HIGH, Peter. *An Outline of American Literature*. London: Longman, 1986.

KILCUP, L. Karen. *Nineteenth-century American women writes: A critical reader*. USA, UK: ed. Blackwell Publisher Ltd., 1998.

LIRA, José. *Emily Dickinson e a poética da estrangeirização*. Recife: UFPE, 2006.

MENDONÇA, Jeová. The Timelessness fact of Life. In: *LETRA VIVA*. Edição Especial, a palavra viva de Emily Dickinson, João Pessoa, Dez 2006, p. 157-165.

MOISES, Massaud. *A análise literária*. 13^a. Ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 2002.

HORNBY, A.S. *Oxford advanced learner's Dictionary of current English*. Oxford: Oxford University Press, 1974.

RATTNER, Susan. (ed.) *Great poems by American women: an anthology*. Mineola/NY: Dover Thrift Editions, 1998.

SHOWALTER, Elaine. *A jury of her peers: American women writers from Anne Bradstreet to Anne Proulx*. Ed. Vintage Books, a division of Random House, Inc. New York, 2010.

TODD, LOOMIS Mabel and HIGGINSON, T. W. *Collected poems of Emily Dickinson*. New York: ed. Avenel Books, 1982.

WALKER, Cheryl. Nineteenth-Century American Women Poets Revisited, p.231-244. In: KILCUP, L. Karen. *Nineteenth-century American women writes: A critical reader*. USA, UK: ed. Blackwell Publisher Ltd., 1998.

Sites Online

DW Academie, disponível em <http://www.dw.com/pt-br/1863-estados-unidos-abolem-a-escravidão/a-372001>, acesso em 20 de setembro de 2017.

HISTORY, ART AND ARCHIVES.

Available in: <http://history.house.gov/Exhibitions-and-Publications/WIC/Historical-Essays/No-Lady/Womens-Rights/>, acesso em 23 de setembro de 2017.

MARQUESE, Rafael. Disponível em:

http://www.iri.usp.br/documentos/paper_rafael_marquese.pdf, acesso em 20 de setembro de 2017.

UNITED STATES HOUSE OF REPRESENTATIVES, disponível em:

<http://history.house.gov/Exhibitions-and-Publications/WIC/Historical-Essays/No-Lady/Womens-Rights/>, acesso em 20 de setembro de 2017.